

A DEMANDA DO SANTO GRAAL

Súmula: — A edição de *Augusto Magne* — características; a edição de *Albert Pauphilet* — características. O confronto de textos. O problema da filiação.

A edição integral do texto português de “A Demanda do Santo Graal” somente se fez em 1944, graças aos esforços dispendidos por *Augusto Magne* durante mais de vinte anos. Vinha à luz a tão esperada edição em época relativamente tardia dadas as dificuldades de ordem vária com que se debateu o seu editor, naturais em empresas dessa envergadura. Mas enfim, transpondo os obstáculos que pareciam intransponíveis, pôde-se levar a cabo tão árduo trabalho, enobrecedor das letras portuguesas e elevada contribuição do Brasil à reconstituição dos nosso maiores monumentos do passado, na sua maior parte jazendo ainda hoje em austeras e amplas bibliotecas de Portugal.

O que logo nos chama a atenção em “A Demanda do Santo Graal” é a divisão em episódios, feita pelo editor, conforme sua afirmação (vol. I, pg. 43, nota 3): “Para tornar menos pesada a leitura do romance, repartimo-lo em episódios, introduzidos por competentes títulos”. Os episódios, por sua vez, estão subdivididos em parágrafos, numerados por *Augusto Magne* e epigrafados na sua maioria: “Dos parágrafos, não têm epígrafe o primeiro, e a maior parte, a partir do número 195” (Vol. I, pg. 433, nota 2). Observa-se geralmente que as epígrafes que aparecem no alto das páginas correspondem às mesmas dos parágrafos. Assim, quando vários parágrafos estão correlacionados entre si (todos o estão, mas aqui referimo-nos a uma correlação dramática mais íntima, concentrada num único objetivo) — ou se referem a uma só personagem (por ex.: vol. I, pg. 240 — “*Persival na ermida*”), usa-se uma epígrafe geral. Em raros casos, notadamente a partir do parágrafo 195, a epígrafe é sugerida pelo texto, visto que o parágrafo não pode fornecê-la. O mesmo se pode dizer dos títulos dos episódios.

Ora, tais particularidades puramente de ordem técnica, não correspondem ao códice, como se pode observar pelo simples exame do fac-símile que acompanha cada volume. Vejamos em que

não corresponde: o códice contém narração corrida, isto é, não apresenta aquela divisão em episódios feita por Augusto Magne. Entretanto, apresenta parágrafos na sua maior parte epigrafados e introduzidos por uma uncial que os caracteriza. Conclui-se disso que o único ponto de contacto aparente, formal, gráfico é o que diz respeito aos parágrafos. A divisão assim em diminutas unidades gráficas talvez correspondesse à preocupação do aspecto formal por parte dos copistas, de que nos convenceríamos caso todos os parágrafos tivessem relativamente o mesmo tamanho. Pelo exame do fac-símile observa-se que tal fenómeno não ocorre: — eles variam de tamanho e variam muito, levando alguns meia columna, enquanto outros ocupam duas ou três colunas. Não significa isto que não acreditemos na preocupação caligráfica por parte dos copistas, preocupação essa que se evidencia pela própria divisão em parágrafos elegantemente iniciados por unciais. Cremos, porém, que, sobre responder a preocupações formais, a divisão em parágrafos talvez tenha compromissos com a parte propriamente dramática da novela, quer dizer, é possível que cada parágrafo corresponda também a um momento dramático de todo o drama dos cavaleiros: seria como que uma fração autónoma, íntegra, dramática e caligraficamente, conquanto intimamente subordinada ao todo e ligada às outras frações. As epigrafes, por outro lado, colaborariam na identificação dos parágrafos. Observa-se ainda que cada fôlha comporta duas colunas de texto, como por exemplo: Fl. 1, a-b; Fl. 2, a-b, etc. Dentro dos parágrafos os diálogos fazem parte da narrativa comum, nada havendo que os saliente graficamente — o contexto indicá-lo-á. A separação entre dois períodos — (não chamamos parágrafo por evitar confusão) — de um mesmo parágrafo é feita por um simples sinal inclinado, de tal forma que não há intervalos ou espaços entre o começo e o fim do parágrafo. A edição de Augusto Magne, todavia, bane o sinal inclinado e adota todos os recursos modernos para a indicação de diálogos.

Quanto à edição de "La Queste del Saint Graal" atribuída a Gautier Map, realizada por Albert Pauphilet depois de longo e árduo trabalho, há que dizer que resulta do confronto de vários textos franceses existentes em bibliotecas da França, Inglaterra e Bélgica (V. Albert Pauphilet, "Études sur La Queste del Saint Graal", pgs. VI a X). Depois do confronto entre algumas famílias de textos, Albert Pauphilet optou por duas delas, escolheu um grupo de cada família, retirou dos grupos um texto para servir de base à redacção e os demais para serem colacionados. Feita segundo este critério, a edição apresenta narração corrida, quer dizer, não se preocupou com a divisão em episódios, como fez Augusto Magne, embora possam ser observados alguns intervalos gráficos. Os parágrafos, por vèzes correspondentes aos da edição portuguesa, não são numerados nem epigrafados, apesar de apresentarem o aspecto autónomo que acreditamos caracterizar os da edição Magne.

No interior dos parágrafos notamos os diálogos evidenciados por aspas ou travessão, estando, pois, mais próximos do códice, se se considerar que nesse particular o códice português não se afastaria do homônimo francês. As páginas estão encimadas por epígrafes que não sabemos serem do editor ou do códice; quer-nos parecer que já estejam, duma maneira geral, nos códices que Albert Pauphilet compulsou.

Pois bem. Referímo-nos, linhas atrás, a certos intervalos gráficos existentes no texto francês. Gráficamente se evidenciam por um sinal correspondente a três estrélas que formam um triângulo equilátero. Seria divisão de Pauphilet, ou do códice? O simples sinal gráfico nada poderia solucionar, mas iria auxiliar-nos no melhor conhecimento do problema. Buscou-se a relação possível entre os intervalos e o texto: de Pauphilet, ou do códice, seriam arbitrários os intervalos, seria arbitrária a divisão da novela? Não corresponderia a uma divisão intrínseca da mesma?

Chamou-nos a atenção o fato de a cada intervalo corresponder um episódio que começa sempre com a seguinte frase: "Or di li contes que..." (1) e a outro que termina com a frase: "Si lesse ore a tant li contes..." e variantes. Não seria mera coincidência, porquanto nos 14 intervalos se observa com precisão o mesmo fenômeno. Mas o problema não estava solucionado; restava constatar a provável relação entre essa divisão gráfica e a coincidência de frases introdutórias e conclusivas. Feito o estudo dos 15 episódios que resultam desse fracionamento, verificou-se que cada episódio — denominando assim a fração de texto entre duas frases "Or di li contes que..." ou entre uma delas e "Si lesse ore a tant li contes..." — apresenta unidade dramática. Estava-se, pois, diante de verdadeiros episódios, considerando-se a sua integridade e o terem meio, começo e fim: são como que contos ligados entre si e subordinados a um tema, cu, para recordar velho costume medieval, assemelhavam-se com aquêles murais das igrejas, expressivos de vida cristã e edificantes da alma humana. De qualquer forma, tratava-se da divisão intrínseca do romance, que não obedeceu à influência do editor, o que vale dizer que os pontos de transição da narrativa estavam assinalados e evidenciados. Se houve influência do editor, esta constou apenas de indicar gráficamente a divisão intrínseca da novela, os pontos de contacto entre um episódio e outro. Restava verificar se o mesmo não ocorre com a versão portuguesa.

A edição de Magne parecia dificultar a pesquisa, dada a divisão em episódios por elle feita. No entanto, partimos destes mesmos, por não haver por onde partir. Verificamos ao fim da análise de todo o romance que existe também no texto português a transição acusada pelas frases "Mais ora leixa o conto..." e "Ora diz

(1). — Querer-se-á fazer referência a alguma fonte histórica, ou à lenda?

o conto que...”, respectivamente no fim e no começo de cada fração dramática, correspondendo, pois, quase exatamente ao que ocorre no texto francês. O seu número, porém, asseverbounos: cerca de 54, incluindo os passos em que falta qualquer uma das frases. Era considerável a diferença. Teria “A Demanda do Santo Graal” 54 episódios convenientemente integrados nos moldes dos 14 da “Queste”? Atraía-nos o pormenor de a frase “Ora diz o conto que...” geralmente iniciar parágrafo. Ora, Augusto Magne, ao fazer a divisão em episódios, não se ateu às frases introdutória e conclusiva — o que transformaria a sua edição em 54 capítulos, quando apresenta LXXXVIII — embora atentasse no seu papel, conforme se observa pelos vários episódios começados com “Ora diz o conto que...” E o copista medieval, estaria ciente de se tratar duma divisão intrínseca da narrativa? Estamos convencidos que não: usa a frase introdutória — ou porque já está no códice que copia ou traduz — ou por necessidades de ordem técnica.

Voltando aos textos da edição portuguesa e francesa, como se resolveria o impasse provocado pela diferença de episódios? Tíhamos assente uma coisa: os episódios da edição Pauphilet são autônomos, completos, têm integridade. O aumento de frases introdutórias na edição portuguesa significaria aumento de episódios, ou haveria em alguns destes várias frases introdutórias?

Fomos ao texto português e ao exame do mesmo se pôde verificar que, ao nosso juízo, há duas sortes de frase introdutória: — uma, que introduz episódios gerais em que a figura predominante é um cavaleiro, quando muito dois, ainda que haja vários em ação, — e outra, que introduz passagens intermediárias. Em ambos os casos, seja a transição dum episódio geral para outro, seja a introdução duma passagem secundária, um só é o seu papel: introduzir personagens ou cenas: trata-se dum expediente narrativo que se repete à falta doutros recursos por parte do copista ou tradutor que busca em vão quebrar a monotonia através das variantes. Em certos casos não há frase alguma — especialmente depois do parágrafo 195 (lembramos que a frase “Mais ora deixa o conto...” aparece com freqüência em epígrafe) — como se o calígrafo quisesse levar avante essa preocupação. Seria tal hábito, em última análise, uma decorrência das necessidades técnicas, sobretudo quando se trata da passagem entre dois episódios gerais. Considerando-se assim o problema, reduzia-se sensivelmente o número de intervalos e então já podíamos contar cerca de 13 episódios bem delineados e completos, girando quase sempre em torno de uma só personagem cujas aventuras são acompanhadas por outras, secundárias, para as quais não caberia um episódio especial, porque então a novela se alongaria por várias centenas de páginas, especialmente no que diz respeito ao texto português, que conta com número elevado de cavaleiros. Não significa isso que as aventuras da personagem principal estejam todas enfiadas no episódio que lhe é destinado: além do seu epi-

sódio, aparece em outras aventuras como cavaleiro secundário. Isso não impede que uma personagem seja estudada em mais de um episódio especial, como ocorre com Galaaz, a quem são dedicados dois enormes capítulos, um de cerca de 60 páginas (vol. I, pg. 91 a 152) e o outro de mais ou menos 270 páginas (vol. II, pg. 43 a 316), dentro dos quais, como consideramos, há uma série de pontos de transição.

Ora, de posse de tais dados já era possível tentar um confronto entre os textos das duas edições, partindo da divisão intrínseca das novelas. A dúvida era a seguinte: haveria concordância intrínseca entre êsses episódios, não concordância linha a linha, mas dramática?

Os dois textos à frente, iniciamos o confronto. À página 26 da edição de Pauphilet se encontra o primeiro intervalo, que corresponderia ao da página 91 da edição de Magne. Fizemos o confronto dos dois episódios e verificamos haver correspondência dramática, conquanto formalmente haja lacunas de ambos os lados, ou melhor, em mais de um passo o texto português parece apresentar maior número de minúcias, pelo que se poderia dizer que a narração portuguesa é mais plástica que a francesa, ainda que às vezes se observe o oposto.

O segundo intervalo está à página 41 da edição francesa e 113 da portuguesa. Feito o confronto, verificou-se que nos dois episódios há certo equilíbrio, dramático e formal, muito embora haja de vez em quando desencontros de narração, que em nada afetam o conteúdo dramático. Afóra isso, estão bastante próximos um do outro.

A bem dizer, as divergências maiores, desconcertantes, começam do segundo episódio em diante. Tomamos a edição francesa e fizemos o confronto. No terceiro episódio da "Queste" coexistem três momentos dramáticos, dois dos quais encontram correspondência no episódio português, mas o terceiro — "Le chateau des Pucelles" (pg. 47 a 51) vai corresponder a "Castel Felom" (vol. II, pg. 194). Notemos que a narração varia dum para outro texto. É preciso que se recorde não continuarmos daqui por diante com o confronto episódio a episódio, segundo o que vimos para a edição de Augusto Magne. Estamos partindo da edição francesa para a portuguesa, considerando os episódios da primeira e confrontando-os com os da segunda, levando-se em conta uma vez ou outra as transições secundárias. O confronto episódico jamais se faria a partir da segunda, porisso que os episódios da edição portuguesa são geralmente muito extensos e acompanhados de sucessivas interposições.

O quarto e o quinto episódios da edição francesa praticamente não encontram correspondência alguma com o texto português. Quase o mesmo se pode dizer do sexto episódio (Pauphilet, pg. 71 a 115), dentro o qual uma só passagem tem correspondente, mas de narrativa sensivelmente diversa: "Tentation de Perceval" (pgs.

91 e 105) — e “Tentação de Persival” (vol. I, pg. 325). Ainda neste episódio, a passagem “Perceval chez la recluse” (pg. 73) corresponderia a “Persival em casa de sua tia” (vol. I, pg. 291) talvez por uma frase: — “E Persival olhou e maravilhou-se, quando viu que era empardeada” (vol. I, pg. 291), pois a narrativa é bastante diferente. É possível que o que melhor se ajustasse fôsse “Erec e a empardeada” (vol. I, pg. 382) pela semelhança de epígrafes, mas o conteúdo narrativo é diferente.

O sétimo episódio apresenta concordâncias e discordâncias.

O oitavo episódio (pg. 147 a 162) contém apreciável semelhança gráfica com a edição de Magne (vol. I, pg. 175 a 214) e nítida correspondência dramática; mesmo que se considere a interpolação das páginas 175 a 187, feita entre duas frases introdutória e conclusiva. Lembremos que o mesmo ocorre nos extremos da fração dramática, fato êsse que acresce ainda mais a coincidência episódica.

O nono episódio apresenta semelhanças e dissemelhanças.

O décimo episódio (pg. 195 a 210) encontra certa correspondência no texto português, se bem que não seja de passagens ligadas imediatamente entre si. Exemplificando, à passagem “Galaad blesse Gauvain” (pg. 196) corresponde “Torneio forte e maravilhoso” (vol. I, pg. 331 a 335), enquanto “La Nef Merveilleuse” (pg. 199) corresponde a “A Barca Maravilhosa” (vol. II, pg. 93). Certo, não devemos levar em consideração o fato de a edição de Augusto Magne estar preparada em dois volumes, quando se sabe que o códice apresenta narração corrida. Todavia, acreditamos de-
veras considerável a interpolação entre as duas passagens — por volta de 160 páginas.

O undécimo episódio — “Legende de l’arbre de la vie” (pg. 210 a 226) não encontra sequer referências no texto português.

O duodécimo episódio (pg. 226 a 244) corresponde com poucas diferenças ao texto preparado por Magne (vol. II, pg. 99 a 124), sendo que o seu termo se dá com a frase “Mais ora leixa o conto...”

O décimo-terceiro episódio — “Chatiment divin” (pg. 244 a 246) corresponde a “A vingança do Senhor Deus” (vol. II, pg. 124 a 126) delimitado entre as habituais frases introdutória e conclusiva:

O décimo-quarto episódio (pg. 246 a 262) corresponde relativamente à edição portuguesa (vol. II, pg. 197 a 237), ausentes as frases “Mais ora leixa o conto...” e “Ora diz o conto...” Há algumas interpolações.

O décimo-quinto episódio (pg. 262 a 280) — último — encontra nítida correspondência no texto português (vol. II, pg. 275 a 316), com exceção da primeira passagem: “Galaad et le roi Mor-drain” (pg. 262).

Pelo exposto se pode dizer que há falhas e adições em ambos os lados. A edição de Pauphilet apresenta três episódios completamente isolados, mas é pouco em relação às inúmeras passagens do texto português sem qualquer correspondente. Numerosas são as interpolações, aventuras intermediárias ausentes da "Queste", pormenor que está em íntima ligação com o fato de a novela portuguesa apresentar maior número de cavaleiros, de tal modo que muitos dêles nem citados são na edição francesa, como Erec, Palamedes, Patrides, Dalides, Ivam de Cenel, rei Mars, para citar apenas alguns. Como se as interpolações e a disparidade do número de cavaleiros não bastassem, desconcerta-nos verificar que — enquanto a edição de Pauphilet termina com a morte de Galaaz, a "Demanda" prossegue por mais 70 páginas, em que são narrados a morte de rei Artur, as lutas com rei Mars e o episódio Lancelot e a rainha Ginebra.

Pôsto isso, só podemos falar em termos de concordâncias e discordâncias entre as duas edições — nunca em concordância e discordância, porquanto nenhum dos dois casos ocorre integralmente no confronto das duas novelas. Assim colocada a questão, somos levados a pensar no sério problema da filiação: — a "Demanda" portuguesa — aproximando-se e afastando-se em muitos passos da edição francesa — filiar-se-á a qual dos manuscritos compulsados por Albert Pauphilet?

MASSAUD MOISÉS

Escharel em Letras Neo-Latinas pela Faculdade de Filosofia do Mackenzie.

Bibliografia utilizada:

1. — Magne, Augusto. "A Demanda do Santo Graal", 2 vols., Imprensa Nacional, Rio, 1944.
2. — Pauphilet, Albert. "Études sur la Queste del Saint Graal", Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921.
3. — Pauphilet, Albert. "La Queste del Saint Graal", Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1949.